

## Representações de meninas negras brasileiras: literaturas infantis como lugares seguros

Rosa Silvia Lopes Chaves<sup>1</sup>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3096-026X>

Daniela Finco<sup>2</sup>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5731-1091>

### Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a questão da construção identitária das meninas negras nas literaturas infantis negras contemporâneas no Brasil. Os procedimentos metodológicos envolvem entrevistas com quatro escritoras negras de literatura infantil: Sonia Rosa, Lucimar Dias, Kiusam de Oliveira e Odara Delé. Buscou-se identificar os processos de criação e construção identitária de suas personagens. Pensar na literatura infantil protagonizada por personagens de meninas negras revela-se como possibilidade de refletir sobre os aspectos materiais e simbólicos, sob os quais os processos identitários étnico-raciais e de gênero vão sendo constituídos na infância. Tem como referencial teórico os estudos negros, que interseccionalizam as questões de gênero e étnico-raciais (hooks, 2017; Collins, 2019; 2019; Gomes, 2019a, 2019b). Os resultados revelam como as literaturas infantis podem dar ênfase aos processos de resistência e contra-hegemônicos de construção das identidades, evidenciando processos de empoderamento, desde as primeiras relações na educação da pequena infância.

**Palavras-chave:** meninas negras; literatura infantil; feminismo negro.

### Abstract

This article aims to analyze the issue of the identity construction of black girls in contemporary black children's literature in Brazil. The methodological procedures involve interviews carried out with four black children's literature writers: Sonia Rosa, Lucimar Dias, Kiusam de Oliveira and Odara Delé, seeking to identify their processes of creation and identity construction of their characters. Thinking about children's literature starring black girl characters reveals itself as a possibility to reflect on the material and symbolic aspects, under which ethnic-racial and gender identity processes are being constituted in childhood. Its theoretical reference is black feminist studies, intersectional studies on gender and ethnic-racial relations (hooks, 2017; Collins, 2019; 2019; Gomes, 2019a, 2019b). The results reveal how children's literature can emphasize resistance and counter-hegemonic processes of identity construction, highlighting processes of empowerment, from the first relationships in early childhood education.

**Keywords:** black girls; children's literature; black feminism.

**Citação:** CHAVES, Rosa Silvia Lopes; FINCO, Daniela. Representações de meninas negras brasileiras: literaturas infantis como lugares seguros. *Revista Estudos Aplicados em Educação*, v. 9, e20249531, 2024. DOI <https://doi.org/10.13037/reae.vol9.e20249531>

<sup>1</sup> Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP Guarulhos-SP. Email: [lopes.chaves@unifesp.br](mailto:lopes.chaves@unifesp.br).

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - USP. Professora da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP Guarulhos-SP. Email: [dfinco@unifesp.br](mailto:dfinco@unifesp.br).



## Introdução

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o processo de valorização e fortalecimento das identidades das meninas negras, a partir de literaturas negras infantis contemporâneas. Parte dos resultados de uma pesquisa de doutorado (Chaves, 2023) que analisou as representações acerca das personagens meninas negras, identificando como elas podem favorecer a visibilidade e a afirmação de suas identidades de gênero e raça. Para isso, busca conhecer a intencionalidade de quatro escritoras negras – Sonia Rosa, Lucimar Dias, Kiusam de Oliveira e Odara Delé – em relação aos processos de criação das personagens de meninas negras em suas obras, e das características da construção de suas identidades.

Cabe-nos pensar como tais literaturas podem servir de suporte para as práticas educacionais, sociais e culturais com as crianças pequenas, tendo como eixos centrais as relações étnico-raciais e de gênero. A literatura infantil desempenha uma função muito importante do verdadeiro patrimônio simbólico das metáforas da infância, das representações de infância e da relação entre mundo adulto e mundo infantil. Em particular, os livros infantis são ferramentas muito poderosas para a transmissão de modelos tradicionais ou diversificados (Finco; Seveso, 2018). Desse modo, destaca-se a importância de problematizar as representações de identidade e os comportamentos ensinados através da leitura.

Os impactos da Lei 10639/2003, que já completou 20 anos de existência, e da Lei 11645/2008, tensionam a demanda por políticas públicas em prol da educação para as relações étnico-raciais no Brasil. Assim, pudemos identificar como a legislação é impulsionadora de mudanças na direção da garantia de direitos e de práticas efetivas de ressignificação dos conhecimentos, de pluralização das identidades e de formas de ver o mundo além das lentes colonialistas eurocêntricas. A afirmação e a valorização identitária das crianças negras também está preconizada nos princípios do Parecer do Conselho Nacional de Educação n.º 3/2004 (Brasil, 2004), fornecendo subsídios para refletir sobre possibilidades educativas emancipatórias. As mudanças legislativas propiciam, dessa forma, novas perspectivas para as literaturas infantis, pois estimularam a ampliação e a composição de novos acervos literários nos ambientes escolares.

Numa sociedade adultocêntrica, olhar para a construção das identidades das meninas negras e valorizar suas formas de ser, ajuda a desafiar as tramas de poder que revestem as relações sociais e invisibilizam essas crianças pequenas. Em função disso, interessa-nos pensar a literatura para as infâncias de meninas negras, a partir do diálogo com epistemologias historicamente silenciadas, reconfigurando as formas de saber e de ser (Gomes, 2019 a).

A partir dessa proposta, o artigo está organizado em três partes. A primeira apresenta as contribuições do feminismo negro para a construção do percurso teórico-metodológica da pesquisa, que nos proporcionou muitas possibilidades de reflexão e de construção de um olhar atento às intrincadas e complexas relações de poder que se manifestam em diferentes dimensões sociais. A segunda parte estabelece um diálogo com pesquisas acerca da literatura infantil, produzida e disponibilizada para as crianças pequenas, buscando compreender – sob a perspectiva étnico-racial e de gênero – as influências da cultura material para a pequena infância, a partir dos conceitos de representatividade e imagens de controle (Collins, 2019 a), problematizando a sub-representação e objetificação. Por fim, a terceira parte apresenta os diálogos com as escritoras negras e suas personagens; nela, realizam-se análises dos dados produzidos ao longo das entrevistas realizadas com essas mulheres negras que produzem literaturas infantis protagonizadas por suas personagens, as meninas negras Lindara, Lukenya, Luanda e Tayó.



Neste artigo, as memórias e experiências compartilhadas por essas escritoras mostram como vivenciaram seus processos de pertencimento étnico-racial; também revelam como elas enxergam o lugar das infâncias de meninas negras nos dias de hoje. Elas socializam seus percursos formativos, revelando como tais experiências permearam a criação e representação de suas personagens, assim como suas intencionalidades nas narrativas que dão visibilidade às identidades das meninas negras e favorecem sua afirmação. As reflexões problematizam o desafio dos processos de construção identitária, compartilhando os diferentes significados e estratégias que permitem fortalecer o processo de valorização e fortalecimento das identidades das meninas negras e fornecem subsídios para pensar na educação para a garantia dos direitos das crianças negras.

### **Contribuições do feminismo negro para percurso teórico-metodológico**

Os diálogos com os estudos feministas negros – como os de bell hooks (2017, 2019), Patricia Hill Collins (2019), Nilma Lino Gomes (2019a, 2019b) – aprofundaram a ampliação e o refinamento do olhar para a construção do caminho da pesquisa. Com eles, foi possível desvelar, nas sutilezas, as hierarquias presentes nas relações das mulheres negras, buscando o desafio de identificar, nesta produção acadêmica, a presença e a visibilidade das infâncias das meninas negras. Tais diálogos podem ajudar a romper silenciamentos também na luta por direitos das crianças negras subalternizadas, que são corpos insurgentes no contexto histórico brasileiro, marcado por assimetrias etárias, étnico-raciais e de gênero. A afirmação das identidades, estéticas e corporeidades negras compõe também o cenário político da pesquisa como forma de resistência, destacando uma epistemologia negra que articula teoria, metodologia e prática política com vistas à transformação social.

Quando colocamos em xeque os imaginários oriundos da colonialidade do poder, apresenta-se o desafio de pensar nas formas de representação de meninas negras em uma sociedade adultocêntrica que invisibiliza as crianças e não lhes garante formas de participação e decisão. Essas crianças, portanto, têm suas identidades diluídas e apagadas desde os primeiros anos de vida. Ao problematizarmos as formas de exclusão e violência, confirmamos o compromisso político com a justiça social para a garantia de direitos (Chaves; Gibim; Souza, 2021).

Problematizar uma sociedade racializada exige também discutir os processos arbitrários de hierarquização que evidenciam os privilégios da branquitude neste arranjo social. Ocorre, desse modo, um pacto narcísico de silêncio e naturalização com relação às violências e desigualdades raciais reiteradamente sofridas pelas crianças negras na sociedade brasileira. Segundo Bento (2012), a branquitude expressa uma repetição de lugares de privilégio assegurados para as pessoas brancas, mantidos e transmitidos historicamente para as novas gerações. Em nossa sociedade brasileira adultocêntrica (Rosemberg, 1976) e baseada nos valores da branquitude, olhar para as formas de representação das meninas negras ajuda a desvendar as tramas de poder que revestem as relações sociais e invisibilizam essas crianças pequenas.

Desse modo, ao buscar as intencionalidades das escritoras negras, destacamos a questão da representação e da constituição da autoimagem como parte do direito ao pertencimento racial das meninas negras e como um importante meio de construção de suas identidades étnico-raciais e de gênero, evidenciando os processos de valorização identitária e favorecendo a construção de pedagogias feministas antirracistas para a educação da primeira infância brasileira.

O diálogo com a socióloga Patricia Hill Collins (2019), a partir das epistemologias



feministas negras, nos subsidia com o conceito de “imagens de controle”. Ele propõe para essa pesquisa o desafio de olhar a cultura material e as representações das infâncias de meninas negras na literatura infantil. Esse conceito ajudou a evidenciar as facetas simbólicas e materiais do racismo e sexismo, as quais consideram que as meninas e mulheres negras são objetificadas e subalternizadas.

Desafiar as “imagens de controle” é uma das prerrogativas da epistemologia feminista negra, pois são elas que justificam ideologicamente as formas de opressão sobre grupos sociais. Nesse sentido, fazer uso da epistemologia feminista negra para problematizar as infâncias pode nos propiciar olhares que desestabilizem a ordem social hegemônica. Afinal, nomear e controlar as narrativas sobre mulheres e meninas negras é uma das formas de exercício de poder. Nas formas de representações estereotipadas, configura-se uma das artimanhas que contribuem para a perpetuação de diversas formas de opressão, à medida que mascaram e naturalizam o racismo, o sexismo, a feminização da pobreza, dentre outras formas de injustiças sociais e epistemológicas.

A objetificação de sujeitos sociais assenta-se numa lógica segundo a qual as diferenças são apresentadas hierarquicamente e categorizadas em oposição, em contradição e com o apagamento deste/a denominado/a como “outro”, ou seja, aquelas/es que não pertencem ao grupo hegemônico. O controle e a manipulação do “outro” garantem a manutenção e a naturalização dos privilégios do grupo que busca afirmar sua hegemonia. Variadas formas de objetificação desse “outro” sustentam-se dentro da lógica da colonialidade do poder que, ao persistir, gera a invisibilidade e a desumanização (Collins, 2019). Trata-se, pois, de romper estereótipos, exercendo resistência à supremacia branca, criando fissuras na linguagem e forjando espaços para a produção cultural, de modo que a valorização da diferença seja decisiva para criar e fortalecer perspectivas contra-hegemônicas (hooks, 2017).

Pensar nas relações étnico-raciais, de gênero e de infância a partir de outros paradigmas, pluralizando as narrativas desde a primeira infância, é uma preocupação fundamental para o universo desta pesquisa, que, voltada a olhar as infâncias de meninas negras, pode se configurar como uma possibilidade de justiça epistêmica e curricular desde a Educação Infantil (Gomes, 2019b). Assim, ao tecermos um olhar para as literaturas infantis, indagamos: quais narrativas são ocultadas nas práticas sociais e processos educativos das meninas negras? Quais são as relações de poder que forjam subjetividades e práticas colonizadoras desde a infância? Como pensar na educação das infâncias, potencializando visibilidades às identidades que foram historicamente expropriadas pelo capitalismo, encobertas, hierarquizadas, sob a égide da colonialidade do poder, do saber e do ser?

Para responder a tais questões, este artigo olha para a literatura infantil buscando refletir sobre o direito à representatividade das meninas negras, sobre os modos pelos quais seus corpos e suas formas de ser são representados numa sociedade constituída a partir do mito da democracia racial, pela ideologia do embranquecimento e por uma cultura marcada pela invisibilidade de mulheres, sobretudo das negras, na história oficial. O exercício é o de pensar as meninas negras a partir de personagens protagonistas na literatura infantil negra contemporânea, que se revela como possibilidade de refletir sobre os aspectos materiais e simbólicos subjacentes à constituição dos processos identitários na infância e, assim, problematizar as desigualdades étnico-raciais e de gênero presentes na educação da infância.

## Literatura infantil, representatividade e objetificação

Tendo em vista os desafios de compreender a questão da representatividade das meninas negras nas literaturas infantis, é preciso pensar sobre o racismo no âmbito da literatura infantil.



Os processos de exclusão e discriminação racial de crianças negras estão enraizados na sociedade brasileira, apesar da falácia presente na ideia tão difundida em nosso país de que vivemos em uma democracia racial. Nesse sentido, esse mascaramento traduz a imposição de um ideal branco que se manifesta no tratamento estereotipado da produção cultural negra na sociedade brasileira.

No começo do século XX, a presença de personagens negras nas obras de literatura infantil se fez mais presente, mas ainda de forma estereotipada e subalternizada com relação às personagens brancas. As lacunas que atravessam as personagens negras e temáticas relacionadas à cultura e história afro-brasileiras evidenciam a desigualdade racial, fruto do racismo, sistêmico e institucional, que se revela também na produção literária, expressando alguns dos grandes dilemas da sociedade brasileira (Jovino, 2017).

Fúlvia Rosemberg (1981), ao abordar tal temática, analisou livros de literatura infanto-juvenil brasileira destinados diretamente às crianças e jovens, nas décadas de 1950 a 1970. Ela mapeou as formas de representação das personagens femininas na literatura infantil. Os resultados de sua pesquisa contribuíram para evidenciar e denunciar formas de discriminação étnico-racial peculiares à linguagem (literária e pictórica) dos livros infanto-juvenis (ou dos meios de comunicação de massa) detectadas na atribuição de valor ou prestígio aos personagens. A pesquisadora também elucidou a sub-representação de personagens negros, destacando as armadilhas da branquitude que, ao se colocar enquanto neutra, se estabelece como forma de representação hegemônica da humanidade (Rosemberg, 1981).

Estudos trazem à tona importantes indicadores para analisar a presença de meninas negras na literatura infantil contemporânea. Eliane Debus (2010), ao investigar, os catálogos de editoras, identifica que boa parte dos títulos acabam revelando preconceitos, seja nas ilustrações, na caracterização das personagens, bem como em seus títulos. Os resultados apontam a necessidade de uma reflexão crítica e de uma investigação de forma a banir livros que reiterem estereótipos e sejam voltados a uma perspectiva racista.

Pesquisas mais recentes, como a de Débora Cristina de Araújo e Cintia Raquel Moreira Ribeiro (2018), realizaram levantamentos pautados na representação estético-literária de personagens negras, identificando a reiteração da branquitude normativa tanto na caracterização de personagens quanto no direcionamento majoritário às leitoras e aos leitores brancos/as. Tais estereótipos racistas estão implícitos ou explícitos nas formas de retratar as personagens negras na literatura infantil, com a associação de personagens negras às condições de pobreza, humilhação, violência, bem como na exaltação de características corporais apresentadas como exóticas. Os resultados são desafiadores, visto que há sub-representação de personagens negros e negras, e representações estereotipadas deles/as. Esses dados são relevantes, considerando a “resistência e aversão a personagens negras, realçando o papel que as formas simbólicas como a literatura, a mídia e outras como o livro didático exercem na formação identitária dos grupos sociais” (Araújo; Ribeiro, 2018, p. 360).

Assim, podemos perceber, pelas pesquisas, que não serve qualquer forma de representação da criança pequena negra. Os olhares críticos construídos pelas pesquisas nos últimos anos apontam para a necessidade de uma vigilância constante, para não reproduzir imagens que afetam sua dignidade, a partir de formas de apresentação que visam subalternizar seus corpos diante das narrativas hegemônicas (Araújo, 2017). Além disso, embora reconheçamos que a questão do racismo esteja presente nas representações sociais do campo da literatura, também podemos perceber como a literatura infantil negra contemporânea se configura um espaço promissor para o processo de ampliação de um repertório que contemple a diversidade, como poderemos ver com a discussão a seguir.





## Diálogo com escritoras negras e suas personagens

Ao elaborar as análises das entrevistas realizadas com quatro escritoras negras que produzem literatura infantil envolvendo personagens meninas negras, buscamos identificar os seus processos de criação e construção identitária. Trata-se, pois, de evidenciar os desafios para a afirmação e a valorização identitária étnico-racial e de gênero desde a pequena infância. Os caminhos para as análises das entrevistas evocam diferentes significados e reflexões que permitem problematizar o objetivo desta pesquisa. Olhamos para os elementos utilizados na composição das características e formas de ser dessas personagens, nas memórias que inspiraram sua criação e nos processos que contribuíram para pensar a questão da representação e representatividade das meninas negras.

Sonia Rosa, Lucimar Dias, Kiusam de Oliveira e Odara Delé, mulheres negras, professoras, pesquisadoras, escritoras comprometidas com as infâncias, nos ajudam a tecer narrativas que põem em destaque as construções identitárias de meninas como elas, com seus percursos e histórias compartilhadas se aproximando e se distanciando, ao mesmo tempo que revelam processos de mudanças e permanências. Nas particularidades de cada relato, são retomadas memórias de infância e suas experiências de vida, revelando como essas mulheres enxergam as infâncias negras e a relação com suas personagens. A partir das intencionalidades e formas de produção de conhecimento das entrevistadas, buscamos compreender como a literatura negra infantil brasileira contemporânea pode auxiliar no processo de valorização e fortalecimento das identidades das meninas negras. Buscamos identificar as narrativas, as mensagens acerca dessas personagens e a forma pela qual elas favorecem a visibilidade e a afirmação de suas identidades.

O diálogo com as entrevistadas revelou, a partir de suas óticas e experiências, as estratégias utilizadas quando crianças para escapar do racismo, bem como o modo pelo qual elas enxergam esse processo na vida das crianças. Também são observadas como essas questões aparecem na criação literária de forma a compreender as escolhas e estratégias utilizadas. Quando trazemos essa questão à tona, pensamos em constructos sociais de desigualdades e poder expressos nas relações étnico-raciais, de gênero e etárias.

A primeira entrevistada, a escritora Sonia Rosa, 73 anos, é moradora de Niterói, professora, estudiosa e mestra em educação. Sua produção literária contempla versos, prosa, provérbios e adivinhas. A autora destaca sua relação íntima com as palavras, já que, mesmo com a pouca presença dos livros em sua infância, ela pôde viver rodeada de contação de histórias, geralmente pela sua mãe. A figura materna é ressaltada em suas memórias de infância com uma sabedoria e acolhimentos imensos. Do encanto pelas histórias, Sonia Rosa foi criando outros enredos e despertando o encantamento nas crianças com quem trabalhava no seu percurso docente; assim, a escritora encontrou, na educação, um espaço potente para a transformação sonhada. Como professora, também encontrava espaços para expressar suas palavras. Hoje autora premiada, o conjunto da obra de Sônia Rosa conta com mais de 60 títulos.

Em seu mestrado, a escritora aprofunda a compreensão sobre os processos de construção de identidade e as relações étnico-raciais à luz de novas perspectivas e referenciais teóricos que permitiram revisitar suas memórias desde a infância. Seu trabalho de pesquisa tem como eixo norteador a realização do diálogo entre o conceito de letramento racial e a literatura infantil afro-brasileira (Jesus, 2019). Aborda também as contribuições da literatura infantil e juvenil sobre a cultura africana e afro-brasileira para a construção da representatividade das crianças negras desde pequenas, permitindo que elas possam ter intimidade com as várias possibilidades das palavras.

Ainda no campo acadêmico, a autora-pesquisadora aborda os três sentimentos que



perpassam o seu processo de aquisição de novos conhecimentos referentes às relações étnico-raciais. Inicialmente, deparou-se com o sentimento de incômodo e, com isso, pôde perceber e ressignificar as situações desconfortáveis que vivenciou como racismo. Posteriormente, emergiu o sentimento da raiva diante das desigualdades sociais e étnico-raciais; por fim, ela ressalta o desafio do sentimento da amorosidade (Jesus, 2019). A partir da chave do amor, revisita e narra sua história de vida desde a infância como menina negra pobre que vivia numa comunidade no Rio de Janeiro. Esses processos foram sistematizados ao aprofundar a temática e desnaturalizar silenciamentos e demais violências impostas pelo racismo à população negra.

Durante a entrevista, fica evidente como esse prisma tem balizado sua atuação e forma de escrita, diante da necessidade de pensar em um letramento racial a diversos públicos. Por essa razão, sua produção está voltada para enegrecer enredos literários, favorecendo a representatividade de crianças negras a partir de uma abordagem que prioriza a afetividade, a qual denomina como “Literatura Negroafetiva para crianças e jovens” (Entrevista com Sonia Rosa). A Literatura Negroafetiva para crianças, premissa de suas obras, visa acolher e potencializar o protagonismo negro com foco na literatura com temática negra e/ou africana, afetiva e humana, com a intenção de que essa literatura “venha contribuir para uma convivência interracial mais respeitosa e digna” (Entrevista com Sonia Rosa), na perspectiva de uma sociedade não racista.

Sonia Rosa ressalta que tem um longo percurso como escritora, iniciado na década de 1990, e que seu mote é compor textos literários com personagens negros e negras, nos diversos enredos destinados às crianças pequenas. Destaca que, na época em que começou a publicar, não era comum no mercado literário a presença de personagens negros, assim como apontaram os estudos sobre a sub-representação de personagens negras na literatura infantil. Finalmente, sobre o êxito de sua empreitada, a autora nos conta que, atualmente, há mais de dez bibliotecas com o seu nome.

A segunda entrevistada, Lucimar Dias, 55 anos, “mulher preta, segundo o IBGE, e negra politicamente” (Entrevista com Lucimar Dias), nasceu no Paraná, foi professora de Educação Infantil e atualmente é professora universitária e pesquisadora. Relata que é a sexta filha de uma família inter-racial, formada por quatro meninas e três meninos, o que lhe trouxe a possibilidade de entrar em contato com as referências de leitura compartilhadas pelos/as irmãos e suas irmãs. Das memórias como menina negra, Lucimar conta que o amor pela leitura sempre foi algo muito forte em sua vida. A entrevistada começou sua carreira docente assim que terminou o Ensino Médio. No exercício da profissão, cada vez mais foi delimitando e afirmando o seu compromisso profissional e político voltado à educação das relações étnico-raciais desde a primeira infância. Em uma época em que o tema era pouco explorado, Lucimar Dias fez sua trajetória acadêmica com pesquisas sobre as relações étnico-raciais na Educação Infantil. Suas pesquisas de mestrado e doutorado contribuem para o campo de pesquisa, denunciando os efeitos do racismo na infância (Dias, 1997, 2007) e proporcionando um repertório formativo para pensar a educação para as relações étnico-raciais.

A terceira entrevistada, a escritora Kiusam de Oliveira, mulher preta, com 56 anos, escritora, bailarina, professora, militante no Movimento Negro Unificado, assim define a trajetória das questões raciais em sua vida: “desde muito cedo, fui adolescente para o Movimento Negro Unificado, então o meu olhar era muito treinado, era muito focado nas questões raciais” (Entrevista com Kiusam de Oliveira). Foi, por mais de 30 anos, professora de Educação Infantil e, desde muito nova, também construiu seu percurso como pesquisadora, tendo como temática as corporeidades negras na luta antirracista. Além disso, sua produção literária promove olhares que contemplam as infâncias negras, numa perspectiva afrocentrada.

Kiusam revisita sua história na qual delinea as estratégias para pensar as corporeidades



das mulheres negras e seu “empoderamento, como um processo coletivo e futurista abordando lugares sociais, redes de apoio e proteção” (Entrevista com Kiusam de Oliveira). Com efeito, a partir de suas experiências, reconta os caminhos de (re)existência no contexto brasileiro marcado pela imposição de constantes silenciamentos, violências e ambiguidades provocados pelo racismo.

Seus estudos foram delimitando o conceito de literatura negra-brasileira do encantamento infantil e juvenil, cujo foco consiste na investigação de formas de empoderamento pessoal e coletivo (Oliveira, 2020a). Kiusam de Oliveira é interpelada pelas corporeidades pretas, pela ancestralidade, pelo diálogo com as infâncias, compondo seus enredos num eixo oposto à colonialidade do poder, etnocêntrica e branca, na qual os corpos negros são os desviantes. No entrecruzar entre suas experiências como menina negra e os registros de situações reais ao longo da sua carreira docente com crianças pequenas na Educação Infantil, foi tecendo seu fazer literário tendo como mote a garantia de direitos e a dignidade das crianças negras.

Segundo ela, são as marcas da resistência negra impressas na nação brasileira que se reiteram na produção literária (re)inaugurando narrativas contra-hegemônicas, também destinadas às infâncias negras. A docência e a militância antirracista compõem seus olhares, memórias e ações que são “gravadas no corpo” (Entrevista com Kiusam de Oliveira). Trata-se, pois, de estimular um olhar para o (re)encantamento das crianças negras pelos seus corpos, que são socialmente invisibilizados: “Então, todas as minhas histórias trazem muito a questão do corpo, do corpo preto.” (Entrevista com Kiusam de Oliveira).

Por fim, a última entrevistada, a escritora Odara Delé, mulher preta, 32 anos, socióloga e professora no Ensino Médio, paulistana, é a mais nova dentre as escritoras. Desde menina, o seu amor pela leitura impulsionou o interesse pelos povos bantus e pela ancestralidade diaspórica por meio da língua kimbundu, pertencente ao tronco linguístico bantu. A autora tem como pressuposto que a língua é viva e se constitui como uma das referências identitárias. Por essa razão, Odara Delé se sentiu impulsionada a conhecer Angola e, com isso, pode criar a sua personagem Lukenya.

As lembranças que povoam sua mente são os momentos de carinho traduzidos nos cuidados e ornamentação dos seus cabelos crespos, cuidados alternados entre ela e sua mãe, como o apoio da família na acolhida e discussão da questão étnico-racial: “Os meus pais têm uma consciência política e racial, o que já é um ponto, um caminho importante para munir os seus filhos”. (Entrevista com Odara Delé). Ela nos conta que saber que podia recorrer ao seu pai, sua mãe e avó a deixou mais segura diante de manifestações racistas: não se deixar desumanizar foi uma das ferramentas importantes fornecidas pela sua família e pelas leituras que realizou.

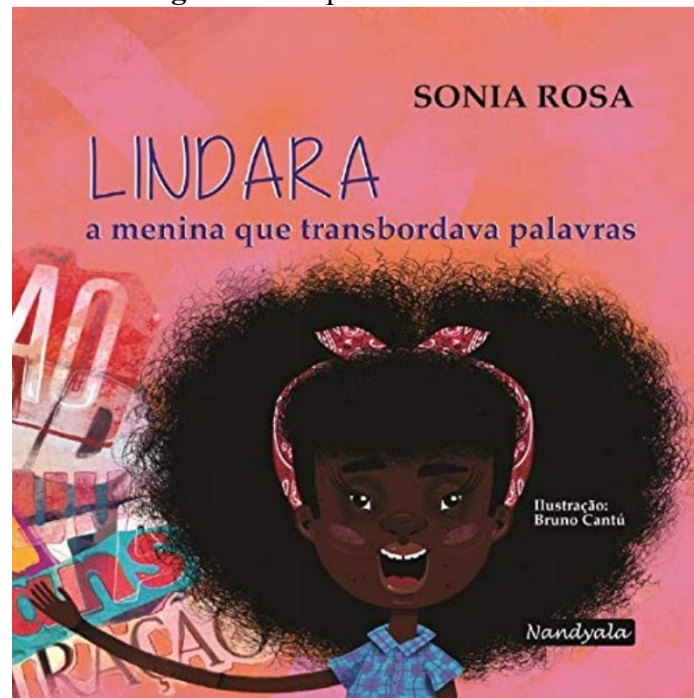
As trajetórias de formação profissional, acadêmica e de vida das entrevistadas se refletem em suas obras e na construção das personagens. Observando a produção literária das quatro escritoras, encontramos as protagonistas das literaturas infantis negras: Lindara, Luanda, Lukenya e Tayó. Trata-se, pois, de personagens que nos ajudam a analisar as formas como são construídas as representações das imagens e das identidades dessas personagens meninas negras, a partir das narrativas literárias que dão vida para suas infâncias, revelando similaridades e diferenças nos seus modos de ser.

Ao aprofundar, no diálogo com as escritoras, a reflexão sobre as intencionalidades e os incentivos para os processos de criação literária, buscamos pistas para elaborar uma construção e valorização identitárias negras, rompendo com silenciamentos, sub-representações e desumanização que pautam a construção das meninas negras como personagens na literatura infantil brasileira contemporânea.





**Figura 1** – Capa do livro *Lindara*



Fonte: Sonia Rosa (2009, [s.p.]).

“Lindara” é a história de uma linda menina negra de tranças, com seus sonhos, brincadeiras e muita falação. Sempre gostou de falar “pelos cotovelos”... Um dia, sem mais nem porquê, ela resolveu colocar as ideias arrumadas num papel, em forma de histórias (Rosa, 2009 [s.p.]). A menina Lindara, personagem criada por Sônia Rosa, foi inspirada em vivências da escritora, que se apresenta como uma menina que transbordava palavras, cheia de imaginação e de fala rápida que, segundo ela, se mantém viva até hoje. A escritora encontrou na literatura uma forma de resgatar e compartilhar seus olhares, as invenções das histórias que contou para as crianças ao longo da sua trajetória pessoal e profissional.

Lindara é baseada em fatos reais, eu sou uma pessoa muito faladeira, sempre contadora de história. Eu gosto da Lindara porque é a história de todas as meninas que falam muito, falam pelos cotovelos, eu sempre fui uma criança assim. A gente deve transformar aquilo que a gente tem de mais criticado em algo que vai a nosso favor, então eu comecei a entender que eu não só falava muito, como também eu cansava muito. A escrita foi a possibilidade de dar conta disso, por isso me tornei escritora. Lindara é baseada em fatos reais. Lindara tem isso (Entrevista com Sonia Rosa).

É interessante observar, conforme atesta a entrevista com a autora, que tais qualidades da menina Lindara são baseadas em fatos reais, são inspiradas nas memórias de Sonia Rosa que, quando menina, sempre transbordava palavras. Segundo a escritora, tais qualidades eram classificadas como pontos fortes, ao mesmo tempo que eram alvo de críticas: “comecei a entender que eu não só falava muito, me chamavam de vitrola” (Entrevista com Sonia Rosa). Assim, a literatura, tal como relatado em situações envolvendo outras crianças e adultos, permitiu que Sônia transformasse algo negativo em um desejo de escrever, de contar suas histórias.

Cumprido destacar que a perspectiva de representação de Sonia Rosa se apoia na

pluralidade de personagens negros em protagonismos com leveza e ludicidade, e busca se afastar do caráter de denúncia do racismo:

Eu não tenho na minha obra um caráter de denúncia, eu não trabalho nesta linha, com este peso. O texto literário tem que ter a leveza do encanto, do abraço, do acolhimento. Eles são textos literários para o fortalecimento das identidades negras, como possibilidade de ampliação de conhecimento das crianças não negras. Eu tenho vários personagens negros em protagonismo, em alegria, em ludicidade e é isso que eu quero e faço, enredos com personagens negros em protagonismo, isso me dá uma responsabilidade muito grande com aquilo que escrevo (Entrevista com Sonia Rosa).

A escritora Sonia Rosa evidencia que sua produção está atravessada pela valorização da diversidade e pelo combate à desigualdade. Sua intencionalidade prioriza a dimensão da afetividade, que tem como premissa uma

Literatura Infantil Negroafetiva, com um texto literário que tem que ter a leveza do encanto, do abraço, do acolhimento, que podem ser trabalhados como fortalecimento das identidades negras, como possibilidade de ampliação de conhecimento das crianças, são personagens em protagonismo, em alegria, em ludicidade. Minha estratégia sempre foi a estratégia da alegria, da inteligência, da criatividade, da poesia e da possibilidade de acreditar que era possível ser diferente (Entrevista com Sonia Rosa).

**Figura 2** – Capa e contracapa do livro *Lukenya*



Fonte: Delé (2019, [s.p.]).

A obra *Lukenya* é a história de uma menina negra serelepe, cheia de ginga e encantamento, envolvendo uma grande aventura pela busca do seu poder poderoso. A ideia da personagem *Lukenya* de Odara Delé nasce de uma viagem da escritora para Angola, durante a qual ocorreu um diálogo com uma menina angolana a respeito da imagem negativa que a criança tinha do seu cabelo crespo. Nesse sentido, a opção de produzir uma obra bilíngue tem por objetivo difundir os valores relacionados à cultura africana. Na busca pela língua bantu, Odara Delé percebe como o continente africano é marcado pela pluralidade: “não existe só uma África, existem várias” (Entrevista com Odara Delé). Além disso, ela conta que sua viagem a Angola foi uma busca de maior contato com a cultura bantu: “é uma das culturas dos povos com quem eu mais me identifico, por conta do samba, enfim, por conta da língua. Eu comecei a pesquisar sobre os povos bantus e a entender também as influências deles no cotidiano

brasileiro” (Entrevista com Odara Dele).

No processo de conhecer e reconhecer o continente africano, a autora se dá conta de como o “processo de colonização foi muito mais pesado nos países africanos do que imaginamos” (Entrevista com Odara Delé). O impacto diante da expectativa inicial de conhecer a cultura bantu e a predominância de corpos negros com padrão estético eurocêntrico, além de suas memórias como menina negra, a impulsionaram a escrever para as crianças, segundo ela, em especial pensando nas meninas negras brasileiras e angolanas.

Nesse sentido, as descrições de Lukenya incluem adjetivações como bonita, inteligente, com perfume precioso que recobre seus cabelos, pernas ágeis e cabelos cheios de movimento comparados às ondas do mar. Assim, a composição da personagem apresenta outra representação do corpo negro visto como cheio de ginga e produtor de conhecimento, um corpo com agência, que produz sentidos. Trata-se de referências positivas às corporalidades negras, revertendo as imagens de controle socialmente construídas que depreciam, desqualificam e animalizam corpos das meninas negras.

Assim, a protagonista Lukenya encontra sua ancestralidade na ginga, nas sonoridades, nas relações com seu núcleo familiar: pai, mãe, avós que a amam, e com os quais se reconhece pertencente a uma coletividade. As diferentes formas com que ornamenta seus cabelos crespos o transformam em signos de beleza e de poder. Assim, Lukenya encontra em si, ao se olhar com olhos livres, toda uma coletividade ancestral dotada de força, sabedoria e beleza. O livro *Lukenya e seu poder poderoso* revela, portanto, o compromisso das mulheres negras, como Odara Delé, com as práticas afro-referenciadas, tendo como crivo o fortalecimento das meninas negras, desde bem pequenas, nos seus processos de construção de identidade, valorizando e reconhecendo suas corporeidades e ancestralidade.

Desse modo, a escritora Odara Delé evidencia o desafio de sempre reafirmar a humanidade negra pela literatura com orgulho e altivez. “É fundamental toda criança ter a possibilidade de acesso a livros que enriqueçam a sua história. Para as meninas negras, se verem e reconhecerem de uma forma positiva é importante para fortalecê-las.” (Entrevista com Odara Delé).

A obra *Cada um com seu jeito e cada jeito é de um* apresenta a personagem Luanda, “uma menina sapeca, inteligente, que gosta de brincar e comer chocolate. Ela é super vaidosa e adora usar penteados diferentes! Então um dia ela usa tranças, outro o cabelo preso, outro dia com enfeites, e toda sua família ajuda, papai, mamãe e vovó.” (Entrevista com Lucimar Dias).

Luanda é uma personagem negra e menina descrita como “levada da breca”, “curiosa” e “sapeca”. Ela brinca, corre e tem acesso a livros de literatura desde bem pequena. Ademais, pertence a um coletivo familiar no qual todos são respeitados na sua individualidade. Nesse contexto, a história tem como mote a provocação para que o leitor descubra o nome da protagonista, o qual remete a uma herança e a um país do continente africano.

Seu núcleo familiar é composto por mãe, avó, pai, irmãos e irmãs. Trata-se de uma família em que os membros são divertidos, se amam e se apoiam mutuamente. Ou seja, eles formam um coletivo no qual cada um é reconhecido também em sua singularidade, com similaridades e diferenças nos modos de ser e estar no mundo. Essa sutileza na representação das diferentes individualidades dos familiares de Luanda, cumpre realçar, rompe com as formas unidimensionais com que as personagens negras são tradicionalmente apresentadas.

A ideia do livro *Cada um com seu jeito e cada jeito é de um* nasceu da experiência da escritora Lucimar Dias na docência com crianças. Segundo ela, Luanda tem uma relação muito próxima com o seu fazer pedagógico, como professora e formadora de outros professores e professoras na universidade há mais de 10 anos. Como ativista do Movimento Negro Unificado,



participa de ações formativas envolvendo e valorizando a literatura infantil. Nesse sentido, o processo de criação da personagem Luanda envolve um processo de reeducação, de encontro a outras possibilidades literárias, para além do referencial eurocêntrico:

A primeira conversa entre mim e a Luanda foi que eu queria ter lido livros com personagens como ela. Eu queria ter sido uma criança negra que tivesse tido essa oportunidade. Na minha infância a literatura foi toda eurocêntrica, as imagens eram a Branca de Neve; Rapunzel; Chapeuzinho Vermelho. Então, a Luanda também expressa esse meu desejo de ser aquela criança negra que pode se ver no livro. Luanda é uma menina feliz! (Entrevista com Lucimar Dias).

**Figura 3** – Capa do livro *Cada um com seu jeito e cada jeito é de um*



Fonte: Dias (2012 [s.p.]).

Em seu processo de criação, Lucimar Dias tem como fonte de referência o campo da sociologia, com os estudos e pesquisas sobre relações étnico-raciais. Faz críticas ao eurocentrismo, a partir do campo das relações étnico-raciais: “mas eu não falo de racismo na obra e isso é intencional, não pretendo falar sobre o racismo. A Luana gosta da cor da sua pele, do cabelo, do seu corpo. A minha inspiração não é nos casos de racismo” (Entrevista com Lucimar Dias).

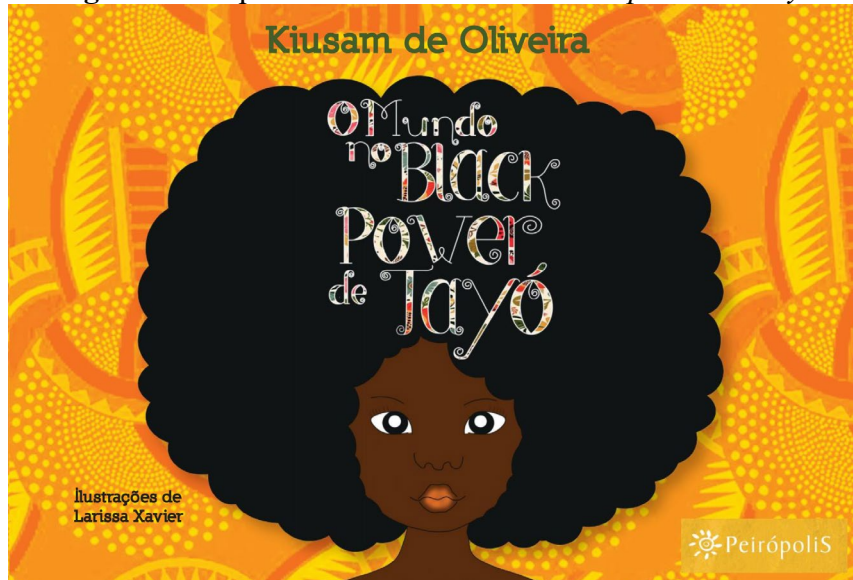
A sua fala destaca a valorização das corporeidades e estéticas negras, tal como visto em pesquisas na área da Educação Infantil e das Relações Étnico-Raciais. Trata-se, então, de uma crítica à estética hegemônica da branquitude como representante universal da humanidade. Lucimar Dias, quando explicita sua intencionalidade ao criar uma personagem negra valorizada e reconhecida em sua diversidade, constata a receptividade da história tanto pelas crianças como pelos/as adultos/as, no caso, se referindo também aos/às profissionais que atuam na Educação Infantil. Com essas questões em mente, tais experiências foram propulsoras e fizeram com que a professora e pesquisadora se transformasse também em escritora de literatura infantil.

Desse modo, a escritora Lucimar Dias destaca a capacidade de a literatura infantil “transformar a fraqueza em fortaleza”, de “inverter a chave do racismo, que vai delimitar outro lugar social que atualmente ocupa, possibilitando outros caminhos” (Entrevista com Lucimar Dias). Ela aponta que a



literatura infantil brasileira, hoje, com a participação efetiva de editoras negras, de autoras negras e, mais recentemente, de ilustradores negros, significa um respiro de vida para as crianças negras. A literatura tem esse poder de nos colocar diante do mundo e de fazer as diferentes emoções emergirem. A gente precisa de personagens negros também vivendo essas possibilidades (Entrevista com Lucimar Dias).

Figura 4 – Capa do livro *O mundo no black power de Tayó*



Fonte: Oliveira (2013, [s.p.]).

Por fim, a obra *O mundo no black power de Tayó*, com a personagem Tayó, uma menina negra que tem orgulho do cabelo crespo com penteados *black power*, enfeitando-o das mais diversas formas. Uma personagem cheia de autoestima, capaz de enfrentar as agressões dos colegas de classe, que dizem que seu cabelo é “ruim”. A escrita do livro de Kiusam de Oliveira traz à tona a valorização das corporeidades negras a partir da menina Tayó. A protagonista da obra parte, também, do olhar ressignificado para o seu corpo de menina negra que carrega o mundo nos seus cabelos, a altivez do povo afrodiáspórico, como uma coroa que remete à realeza.

No enredo, destaca-se o apoio recebido pela protagonista do seu grupo familiar e a resposta a uma agressão racista que sofreu na escola, situação comum para muitas meninas negras. Tayó, com efeito, não se silenciou, não fingiu que a agressão não aconteceu, e responde à agressão com uma recusa à desumanização justamente por se reconhecer como parte da coletividade ancestral. Sobre seu processo criativo, a autora relata que suas obras se inspiram nas diversas formas de registros que compõem as suas experiências como professora, bailarina e pesquisadora.

É importante dizer que essa frase: “O meu cabelo é muito bom porque ele é fofo, lindo e cheiroso” aconteceu depois de sete meses de trabalho antirracista com um grupo de crianças, empoderando a Jade<sup>3</sup>, que antes sempre chorava diante das agressões sofridas. [Jade] Sempre falava chorando: “Fulano me chamou de macaca”; “Fulano me chamou de neguinha”. Depois disso foram sete meses de trabalho e um dia a Jade chega e fala assim: “o fulano disse que eu sou preta, feia e que o meu cabelo é duro, que meu cabelo é ruim”. Eu percebi que desta vez ela não estava chorando, ela

<sup>3</sup> Nome fictício.





simplesmente contou olhando de lado, fazendo mistério. Eu falei: Ah é? Ele falou isso para você? [A criança responde] Falou! [Eu pergunto:] E você, o que respondeu dessa vez? Você conseguiu dar a resposta para ele? Ela fez o gesto com a cabeça dizendo que sim. E o que você respondeu? “Eu disse que meu cabelo é muito bom, porque ele é fofo, lindo e cheiroso!” Ganhei uma vida! (Entrevista com Kiusam de Oliveira).

Ao falar sobre a inspiração para a elaboração de sua personagem negra Tayó, a autora relata uma cena com uma menina negra de quatro anos com uma potente capacidade de se defender diante de uma agressão racista. Tratou-se, pois, de uma cena que Kiusam considerou emblemática na tradução do fortalecimento de uma menina negra, com quatro anos, em relação ao seu cabelo crespo.

Kiusam apresenta o conceito de uma “Literatura Negra-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil” (Oliveira, 2020a), que descreve uma forma de escrita por mulheres negras conscientes e comprometidas em enfrentar as ambiguidades para pensar, no contexto do racismo brasileiro, os silenciamentos nas vidas das crianças. Essa perspectiva também busca construir enredos a partir das experiências vividas com o intento explícito de instrumentalizar e fortalecer as crianças negras em termos de repertórios e forças diante do que denomina como “a arapuca social do racismo” (Oliveira, 2020b).

A experiência vivida com as crianças – na ambivalência de sentimentos de aceitação da professora negra e rejeição da menina pequena negra – trouxe à tona o caráter perverso dessa “arapuca social do racismo que captura as crianças de diversas maneiras. Eu falo dessa captura, dessa sociedade que somos nós, em relação às infâncias, uma arapuca social. Aprendemos com as crianças e suas potências, há muitas possibilidades para ser e estar no mundo, mas a gente as captura.”(Entrevista com Kiusam de Oliveira).

Ao refletir sobre as capturas étnico-raciais e de gênero nas infâncias, a autora aponta os aprisionamentos que afetam meninos/as negros/as ou não negros/as numa lógica binária. Nessa lógica, as crianças constroem significados; produzem culturas na relação com seus pares, com suas famílias, com demais adultos e com a cultura material. As provocações da autora nos ajudam a questionar o tipo de educação que está sendo engendrada entre nossas crianças pequenas. Seu raciocínio permite indagar os desafios de como as meninas negras podem sentir orgulho e se reencantar com seus corpos, uma vez que são reiteradamente representados como inadequados diante do olhar da branquitude.

Ao se inspirar em situações de violência vivenciadas e registradas nos corpos e nas falas das crianças pequenas, Kiusam reforça a necessidade de reconstruir o olhar para esses corpos e romper silenciamentos. Nessa direção, somos provocadas a refletir sobre a construção da personagem Tayó e o seu cabelo crespo armado como motivo de orgulho e pertencimento ancestral. A literatura se transforma em uma ferramenta que pode promover o fortalecimento, o reconhecimento e o reencantamento das crianças negras pelos seus corpos. A história narrada por Kiusam de Oliveira promove o reencanto do corpo negro apresentado em narrativas imagéticas que tensionam a representação hegemônica da branquitude como ideal de beleza em oposição binária com o corpo negro. Pluralizar as formas de representação imagética presentes na produção de conhecimento literário destinado às crianças pequenas implica compreender as sutilezas nas quais se operam os processos de normalização.

Kiusam nos aponta suas intencionalidades na produção literária, as quais consistem em fortalecer as crianças negras diante da violência racial. Tendo em vista que essa violência racial coloniza corpos e conhecimentos, entendemos que sua produção literária almeja ampliar referências também para as crianças não negras, pluralizando e valorizando as corporeidades negras: “os livros todos são focados, eu penso que as crianças precisam ser preparadas para enfrentar a violência do racismo” (Entrevista com Kiusam de Oliveira).



Desse modo, a autora Kiusam de Oliveira insere no bojo das suas criações literárias estratégias de fortalecimento e reencantamento das crianças negras com suas corporalidades, como uma forma de empoderamento pessoal e coletivo desde a infância:

As nossas crianças pretas precisam se (re)encantar pelos seus corpos, então é esse o sentido, o encantamento! As minhas histórias trazem muito a questão do corpo, do corpo preto. Uma Literatura Negro-brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil, como possibilidade da criança negra se reencantar pelo seu próprio corpo e buscar o seu projeto de vida (Kiusam de Oliveira).

As formas de representação dessas personagens significam gritos de (re)existências frente à sub-representatividade da menina negra na literatura infantil. Suas obras contribuem para pensar no processo de construção identitária na infância, ao envolver a escuta, cuidado, afetividade, fantasia e encantamento. Mostram também que é fundamental transformar o imaginário, valorizando as potencialidades e a estética negra, oferecendo outros espelhos para meninas olharem para si com orgulho do seu pertencimento étnico-racial, permitindo habitar outras lógicas, redimensionar ideias e inverter valores.

### **Considerações finais**

A eliminação do racismo nas representações sociais na literatura infantil se configura como um campo promissor no Brasil, trazendo elementos para auxiliar na identificação, num processo de reeducação e de encontro com outras possibilidades. A literatura negra feminista infantil contemporânea se mostra como uma potente ferramenta para sustentar a autoafirmação, o autoconhecimento e o autocuidado, com a função de humanizar e impactar positivamente as formas de olhar para si. São literaturas engajadas para o rompimento do silêncio e das dores causadas pelos preconceitos e discriminações, celebrando a diferença numa perspectiva libertadora. Tais ferramentas também exercem uma função política, pois trazem subsídios para pensar em uma educação emancipatória, democrática e multicultural para as infâncias num país com histórico racista e colonial como o Brasil.

A produção literária analisada, com suas poderosas personagens, representam gritos de (re)existências frente à sub-representatividade de personagens negras na literatura infantil. Pudemos conhecer essas meninas protagonistas de suas histórias, crianças felizes, tagarelas, serelepes, sapecas, inteligentes, poderosas e ágeis, orgulhosas de si e cheias de autoestima, que gostam de viver intensamente e carregam as energias das infâncias.

Elas mostraram que é fundamental transformar o imaginário, envolvendo a fantasia, o fortalecimento do poder e potencialidades, o alargamento de possibilidades de ser e estar no mundo, oferecendo outras lentes e espelhos para olharem para si e para as demais crianças com alteridade e valorização. As falas das escritoras negras entrevistadas convergem, portanto, para o reconhecimento da literatura infantil como ferramentas simbólicas, nas quais essas personagens ocupam espaços de valorização e de orgulho no que se refere ao seu pertencimento étnico-racial. Assim, ressignifica-se o corpo negro em suas visibilidades e belezas, ampliando o mundo da literatura para crianças.

Como pudemos ver, para a literatura infantil negra ser positiva, há necessidade da agência dos/as personagens negros/as, bem como de contextos nos quais as crianças negras estejam afirmadas em suas singularidades. Pudemos aprender com essas personagens e com as escritoras negras o protagonismo das meninas negras e as formas humanizadas como foram retratadas. Isso nos leva a olhar para a emergente literatura feminista negra como potente ferramenta que possa sustentar a autoafirmação e o autorreconhecimento. A função das



linguagens apresentadas sobre as meninas negras é humanizar, de modo a impactar positivamente as formas de olhar para si, revelando, assim, possibilidades de mudanças na produção literária destinada às crianças negras.

As produções dessas escritoras mostraram-se como ferramentas de fortalecimento para o pertencimento étnico-racial e para o combate aos estereótipos e violências, consistindo em uma “literatura de afetividade negra” (Entrevista com Sonia Rosa), uma “literatura negra brasileira do encantamento infantil e juvenil” (Entrevista com Kiusam de Oliveira). Literaturas infantis que impõem o desafio de “reafirmar a humanidade negra com orgulho e altivez” (Entrevista com Odara Delé) e apontam para a necessidade de “inverter a chave” (Entrevista com Lucimar Dias) a fim de transformar em fortaleza o que antes as fragilizava, vencer a invisibilidade e a timidez; um convite a afirmar-se de forma positiva. Trata-se, pois, de contribuir com práticas educativas comprometidas com o combate ao racismo e ao sexismo desde a Educação Infantil.

A partir das vozes dessas quatro escritoras, podemos encontrar “lugares seguros” (Collins, 2019) para as rupturas com a narrativa hegemônica sobre ser menina negra. Considerando que o pensamento feminista negro fala da importância de criar e sustentar espaços seguros, como espaços livres, espaços protegidos, para que as relações sejam plenamente humanas, tais espaços são essenciais para uma educação crítica, política e emancipatória, espaços criados a partir de um empreendimento coletivo (Corrochano *et al.*, 2024).

Retomando as questões iniciais deste artigo, as literaturas infantis negras contemporâneas, desse modo, têm um papel fundamental para repensar nas narrativas que são ocultadas nas práticas sociais e processos educativos das meninas negras, num processo de construção identitária na infância, que tenha como base a construção de uma educação que envolve a escuta, cuidado, educação, afetividade, fantasia e encantamento. Pensar nas literaturas como suporte para a educação das infâncias, potencializando visibilidades às identidades que foram historicamente encobertas e hierarquizadas, nos convida a enriquecer o processo de valorização identitária com histórias que se entrelaçam, dialogam e ampliam os leques de significação. Os resultados desse rico processo aparecem como muitas possibilidades de trabalho educativo com as crianças.

Finalizamos este artigo lembrando do convite de bell hooks (2019) para a celebração da diferença que estimula o engajamento numa pedagogia para combater a desumanização imposta pelo sexismo e racismo, e que constrói estratégias de resistência, numa perspectiva libertadora, rompendo o silêncio e a dor impostos por essas formas de opressão, de maneira a encontrar o poder e a identidade que liberta e descola do jugo colonizador.

## Referências bibliográficas

ARAÚJO, Débora Cristina de. **Relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil: a produção acadêmica stricto sensu de 2003 a 2015**. 2017. Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral – UFPR, Curitiba, 2017.

ARAÚJO, Débora Cristina de; RIBEIRO, Cintia Raquel Moreira. Literatura e Literatura infantojuvenil. In: SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; RÉGIS, Kátia; MIRANDA, Shirley Aparecida de (org.). **Educação das relações étnico-raciais: o estado da arte**. Curitiba: NEAB-UFPR; ABPN, 2018.



BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. **Parecer CNE/CP n.º 3, de 10 de março de 2004.** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2004.

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2003.

BRASIL. Lei 11.645/2008, de 10 de março de 2008. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2008.

CHAVES, Rosa Silvia Lopes. **Meninas negras na literatura infantil: infâncias, identidades e representatividades.** Tese (Doutorado em Educação). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2023.

CHAVES, Rosa Silvia Lopes; GIBIM, Ana Paula Pereira Gomes; SOUZA, Ellen de Lima. Diferentes dimensões da violência e a colonialidade do poder nas experiências sociais das crianças. *In: Seminários de Grupos de pesquisa sobre crianças e Infâncias, Anais do 7º GRUPECI.* Natal: UFRN, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento.** São Paulo: Boitempo, 2019.

CORROCHANO, Maria Carla; *et al.* Entrevista com Patricia Hill Collins. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 29, 2024. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782024000100500&lng=es&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782024000100500&lng=es&nrm=iso). Acesso em 11 set. 2024.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens.** São Paulo: Cortez, 2017.

DEBUS, Eliane. Meninos e meninas negras na literatura infantil brasileira: (des)velando preconceitos. **Perspectiva**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 191–210, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n1p191>. Acesso em: 11 set. 2024.

DELÉ, Odara. **Lukenya e seu poder poderoso.** São Paulo: LiteraRUA, 2019.

DIAS, Lucimar Rosa. **Cada um do seu jeito e cada jeito é um.** Campo Grande: Alvorada, 2012.

DIAS, Lucimar Rosa. **Diversidade Étnico-Racial e Educação Infantil: Três Escolas, Uma Questão, Muitas Respostas.** 1997. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 1997.

DIAS, Lucimar Rosa. **No fio do horizonte: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo.** 2007. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DIAS, Lucimar Rosa. Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres. *In: BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). Educação infantil, igualdade*



**racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais.** São Paulo: CEERT, 2012. p. 98–117. Acesso em: 11 set. 2024.

FINCO, Daniela; SEVESO, Gabriela. Estereótipos de gênero e sexismo linguístico presentes nos livros no contexto educativo para crianças. **Zero-a-seis**, v. 20, n. 37, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2018v20n37p206>. Acesso em: 11 set. 2024.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019a. p. 223–246.

GOMES, Nilma Lino. Raça e Educação Infantil: à procura de justiça. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 1015–1044, 2019b. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/44232>. Acesso em: 11 set. 2024.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.** São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2017.

JESUS, Sonia Regina Rosa de Oliveira Dias de. **A literatura infantil afro-brasileira como letramento racial e fortalecimento das identidades negras: uma narrativa autobiográfica.** Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais). CEFET, Rio de Janeiro, 2019.

JOVINO, Ione da Silva. Personagens negras na literatura infantil brasileira de 1980 a 2000: revisitando o tema. In: Reunião Nacional da Anped, 38, 2017, São Luís. **Anais da ANPED.** São Luís: ANPED, 2017. Disponível em: [http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT21\\_696.pdf](http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT21_696.pdf). Acesso em 11 set. 2024.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. Literatura Negro-brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil. **Abatirá – Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 03–14, 2020a. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/flibav/article/view/29029/20596>. Acesso em: 11 set. 2024.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. O racismo e a arapuca social. **Blog da Letrinhas.** 2020b. Disponível em: <https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/O-racismo-e-a-arapuca-social>. Acesso em: 11 set. 2024.

OLIVEIRA, Kiusam. **O mundo no black power de Tayó.** São Paulo: Peirópolis, 2013.

ROSA, Sonia. **Lindara, a menina que transbordava palavras.** São Paulo: Nandyala, 2020.

ROSEMBERG, Fúlvia. Discriminações Étnico-Raciais na Literatura Infanto-Juvenil. **Linha D'Água**, São Paulo, n. 2, p. 21–39, 1981. Disponível em:





<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37053>. Acesso em: 11 set. 2024.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação para quem? **Revista Ciência e Cultura**, Campinas, v. 28, n. 12, p. 1466–1471, 1976.

